

CONCEPÇÕES DE LEITURA E DE ESCRITA A PARTIR DA ANÁLISE DO FILME “ESCRITORES DA LIBERDADE”

MARINA BATISTA DE MORAES (UEPB)

marinamoraes10@hotmail.com

SENYRA MARTINS CAVALCANTI (UEPB) - Orientadora

senyra@hotmail.com

EIXO TEMÁTICO: GT4 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: ABORDAGEM
DAS NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS QUE EXIGEM ADAPTAÇÕES
PEDAGÓGICAS E SÓCIO-CULTURAIS NA ESCOLA.

CATEGORIA: COMUNICAÇÃO ORAL

Considerações Iniciais: Situando o Foco da Discussão

Embora pareça repetitiva, a discussão sobre concepções de leitura é de grande importância, sobretudo suas implicações no processo ensino-aprendizagem. Sua relevância se justifica, sobretudo, pela constatação alarmante da condição de leitores, com a qual nos deparamos periodicamente, através dos nossos próprios alunos, sejam de ensino fundamental, médio e até superior. Mesmo com todos os avanços nas pesquisas e práticas metodológicas de ensino da leitura, o aluno leitor que está ingressando no Ensino Superior, oriundo da escola básica, em sua maioria, não demonstra um bom domínio no tocante à leitura e compreensão dos textos.

Nesse contexto o objetivo desse artigo é discutir a importância dos alunos compreenderem a leitura, e discutir, a partir dessas concepções, as implicações que estas concepções trazem à formação de leitores proficientes. Com isso, pretendo nesse trabalho discutir as concepções de leitura e sua importância na formação de leitores ao



analisar o filme “Escritores da Liberdade”, dirigido por [Richard LaGravenese](#), de 2007. Nessa análise, além de discutir e explicar os conceitos de leitura irei discorrer sobre a importante tarefa do professor nesse âmbito. Nessa perspectiva, esta abordagem está pautada em três tópicos discursivos: nos modelos teóricos de leitura, na repercussão desses modelos na escola e nas implicações decorrentes do predomínio do modelo ascendente de leitura.

No que diz respeito à análise de filme, vamos observar a relação professor/aluno e sua importância no incentivo da leitura e da escrita. Pontuar também os avanços que uma boa mediação por parte do professor traz na formação leitora dos nossos alunos.

Concepções de Leitura e Tipos de Leitores

Em termos teóricos, quatro modelos ou concepções de leitura são considerados: a concepção ascendente, a descendente, a interacionista e a discursiva. Cada uma compreende o processo de leitura sob uma ótica diferente. Como esses modelos são bastante recorrentes em trabalhos na área de linguagem, farei apenas uma breve contextualização, no sentido de situar o entendimento de leitura de cada uma dessas perspectivas.

No modelo de leitura ascendente ou *bottom-up*, como chamam alguns teóricos da cognição, as informações são processadas linearmente. Pode-se dizer que este modelo representa o método indutivo, ou seja, parte de unidades menores (letras, sílabas, palavras) para as unidades maiores (frases, períodos e textos). Nesta concepção de leitura, a compreensão do que foi lido se dá apenas no nível textual, a partir da análise e síntese do significado das partes, o que caracteriza a leitura como uma atividade de decodificação, na qual não há atribuição de significados.



Segundo Koch (2007), o tipo de leitor do modelo ascendente é aquele que reconhece o sentido das palavras e estruturas do texto. Dessa forma, o leitor é apenas um reproduzidor, por ser passivo ao processo de compreensão, já que ele está exclusivamente no texto sem exigir qualquer interpretação ou hipótese emanada do leitor.

Na concepção descendente ou *top-down*, a leitura é caracterizada como aquela em que a construção de sentido é obtida a partir do leitor para o texto, no qual este é concebido como “um objeto indeterminado” (LODI, 2004), e por isso, o leitor irá recriar o significado das informações escritas pelo autor. Esta leitura não é uma atividade linear e o processamento das informações é realizado com base no método dedutivo, partindo das unidades maiores para as menores.

O leitor que faz uso da concepção descendente de leitura tende a captar as idéias centrais do texto com mais facilidade e também faz uso de estratégias, recorrendo aos seus conhecimentos prévios e experiências de vida para atribuir significado e interpretar o texto lido. De acordo com Lodi (2004), essa concepção pode conduzir o leitor a realizar uma leitura não autorizada, pois a compreensão da mensagem do texto é feita somente a partir dos conhecimentos que o leitor já tem, sem verificar se sua interpretação está realmente dita nas palavras do texto ou é uma criação.

O modelo seguinte é o de leitura interacional, este reúne os modelos ascendentes e descendentes, já que o processamento das informações se dá através dos conhecimentos que o leitor já tem nos níveis linguísticos e de mundo. Segundo Koch (2008), leitor e autor dialogam por meio do texto, que é um ambiente de interação entre os interlocutores. Aqui, o leitor é ativo, consciente e crítico, pois além de receber as informações contidas no texto, ele também atua sobre a leitura utilizando estratégias cognitivas e metacognitivas, fazendo uso de vários tipos de conhecimentos, opiniões, reflexões, dentre outros.

Outra concepção de leitura é o modelo discursivo, que se apresenta como uma proposta à frente de todos estes modelos. Esse modelo, baseado nas teorias do discurso, “ler, compreender, interpretar ou produzir sentido é uma questão de ângulo, de percepção, ou de posição enunciativa” (CORACINI, 2005, p. 25). Para os autores que defendem esta perspectiva, como Orlandi (2000); Lodi (2004); Coracini (2005); Mascia (2005) a leitura não se trata apenas de uma questão linguística, ela se constitui numa questão de dimensão histórica, social e ideológica bem mais complexa.

De acordo com Orlandi (2000, p. 35), “a leitura é uma questão linguística, pedagógica e social”. Isto significa uma mudança de foco no trabalho de leitura na escola que se opõe, principalmente, ao caráter técnico e homogêneo sobre o qual as práticas de leitura estão apoiadas. Nesse sentido, a leitura é vista numa multiplicidade de formas que vão além do texto verbal, pois é preciso levar em consideração outras formas de linguagem como a música, a imagem, a fotografia entre outras coisas que também são textos e suscitam do leitor interpretação e construção de sentido, e no caso desse artigo, o próprio filme “Escritores da Liberdade” que vamos discutir mais adiante. O leitor neste modelo é aquele que se propõe num trabalho de atribuição de sentidos aos textos e, ao mesmo tempo, de compreensão das diferentes práticas discursivas nas quais eles se inserem, assumindo uma postura crítica perante as pistas dadas pelo autor em determinado contexto sociohistórico.

Reflexões Sobre o Papel no Processo de Ensino/Aprendizagem da Professora no Filme “Escritores da Liberdade”

O filme “Escritores da Liberdade” de 2007, dirigido por [Richard LaGravenese](#) é uma obra que foca o importante papel que a professora Erin Gruwell, protagonizada e interpretada pela atriz Hilary Swank tem na vida de seus alunos, sobretudo no que se refere a atividade leitora. Ao iniciar o trabalho de professora de gramática em uma turma problemática, da qual a escola não está disposta a investir nem tampouco



acreditar no desenvolvimento daqueles alunos, a professora Erin busca meios e artifícios de ministrar suas aulas de forma a incentivar e motivar seus alunos na leitura e na escrita. Para ser possível identificar essas questões, no que se refere à análise fílmica utilizei conceitos de autores como Ranciére (2012), Napolitano (2003) e Duarte (2002), os quais me ajudaram a compreender a imagem e a intenção que o filme quer transmitir.

Partindo do pressuposto de que nossos conhecimentos prévios no início do processo de ensino/aprendizagem como ponto de partida ajudam num melhor desenvolvimento, a professora no filme em questão partiu de pontos comuns da vida de seus alunos. Para isso ela fez uso de livros que relatavam a realidade de vida parecida de seus alunos, que discutiam questões como criminalidade, tráfico, violência, drogas, dentre outros aspectos. Com isso, a professora estava fazendo um trabalho que exigia estratégias de leitura de seus alunos que fossem superiores a uma simples decodificação ou leitura ascendente, pois permitia que eles refletissem sobre as situações que eles estavam lendo e com isso utilizassem de suas próprias experiências e conhecimentos prévios acerca do assunto.

De acordo com Kleiman (2001), a utilização das estratégias de leitura é um importante recurso na formação do leitor proficiente. Essas estratégias tornam a leitura uma atividade consciente, reflexiva e intencional, na qual se lê porque há algum objetivo em mente, nesse caso, o leitor sabe o quê e para quê está lendo. Além disso, o leitor compreende a leitura e faz uma automonitoração dessa compreensão, que é desenvolvida naturalmente quando se tem objetivos para a leitura. Esta autora classifica as estratégias de leitura em cognitivas e metacognitivas.

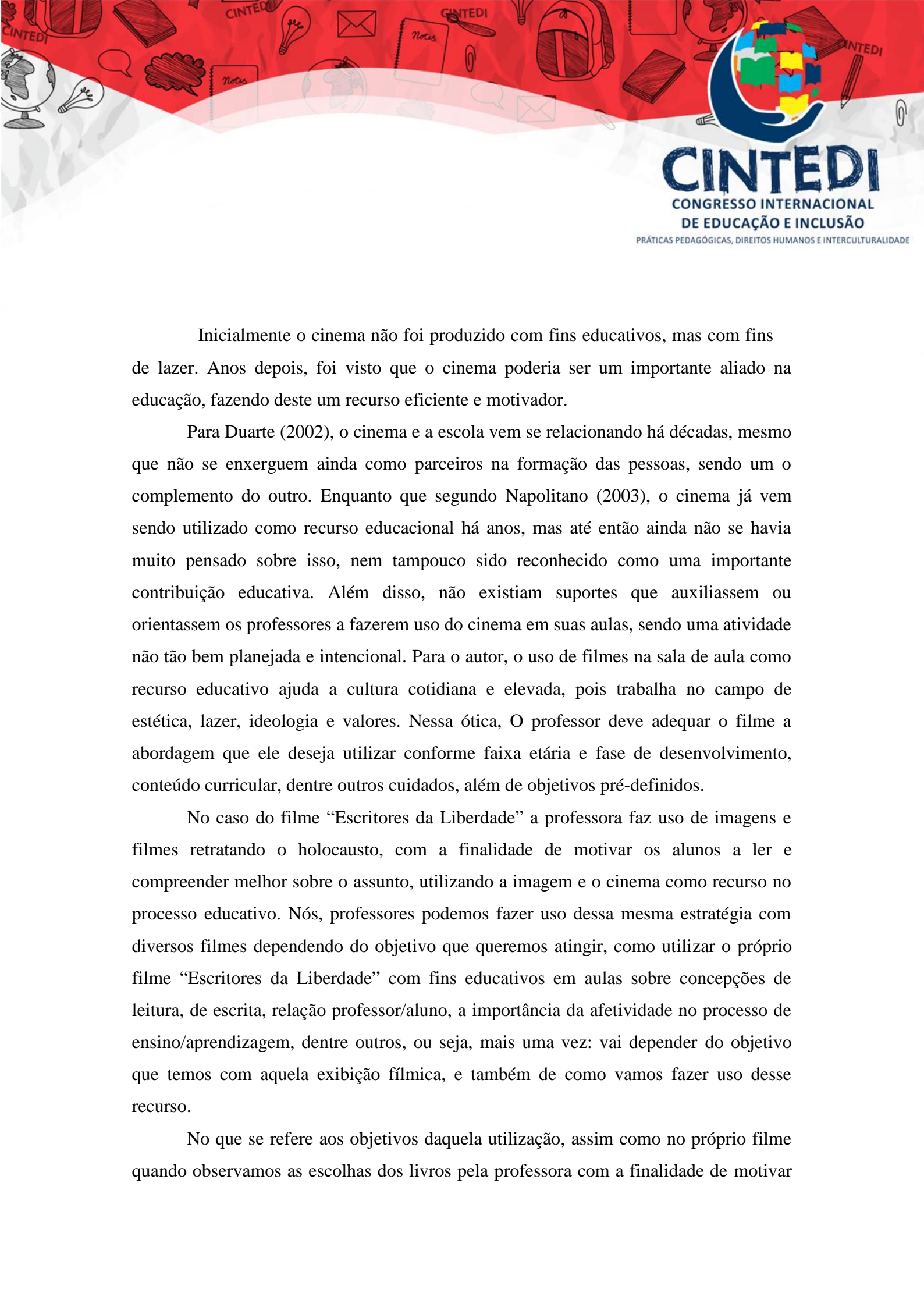
As estratégias de leitura metacognitivas são aquelas operações feitas com algum objetivo em mente, ou seja, aquelas em que há um controle consciente do leitor. Ou seja, uma autoavaliação e auto-monitoração da compreensão e em seguida, a determinação de um objetivo para a leitura.

Já as estratégias cognitivas são operações inconscientes que o leitor realiza automaticamente sem ter ainda alcançado a nível consciente. Essas estratégias podem ser realizadas de várias formas, e vão depender das necessidades momentâneas. Assim, as estratégias cognitivas são procedimentos que o leitor utiliza sem refletir sobre elas, nem tem controle consciente que é denominado por Lodi (2004) como automatismos de leitura.

Na mesma perspectiva, Solé (1998) considera as perguntas que o mediador realiza oralmente após a leitura, relevantes, pois elas possibilitam ao professor a obtenção de um balancete do que foi compreendido. Mas, a autora questiona o fato de não ser considerado nesta atividade o processo que o aluno levou para chegar à compreensão do texto, ou seja, não se ensina a compreender. Dessa forma, o ensino de estratégias leitoras fica à margem das atividades de leitura em sala de aula, além de não diversificar a metodologia de compreensão de texto, como a síntese do texto, por exemplo, considerada como uma habilidade cognitiva de alto nível, pois exige do leitor a apreensão e distinção das informações principais das secundárias. Em muitos casos, ainda, a leitura é utilizada de maneira didática, ou seja, usada com o objetivo de trabalhar a gramática, a ortografia, classificar as funções sintáticas da frase, etc.

No caso do filme supracitado, a professora Erin Gruwell fazia perguntas que instigavam aos alunos conhecerem e se interessarem ainda mais pela leitura, como também o incentiva a escrever suas próprias histórias. Para isso, ela também apresentava filmes e obras de arte que tivessem relação com as leituras que estavam sendo realizadas, a fim de articular as ideias e fazer os alunos a buscarem o conhecimento além do ponto inicial, ou seja, superando o ponto de partida daquilo que sabiam para aquilo que estavam a conhecer.

Análise do Filme “Escritores da Liberdade” Sob a Ótica das Narrativas Visuais na Educação



Inicialmente o cinema não foi produzido com fins educativos, mas com fins de lazer. Anos depois, foi visto que o cinema poderia ser um importante aliado na educação, fazendo deste um recurso eficiente e motivador.

Para Duarte (2002), o cinema e a escola vem se relacionando há décadas, mesmo que não se enxerguem ainda como parceiros na formação das pessoas, sendo um o complemento do outro. Enquanto que segundo Napolitano (2003), o cinema já vem sendo utilizado como recurso educacional há anos, mas até então ainda não se havia muito pensado sobre isso, nem tampouco sido reconhecido como uma importante contribuição educativa. Além disso, não existiam suportes que auxiliassem ou orientassem os professores a fazerem uso do cinema em suas aulas, sendo uma atividade não tão bem planejada e intencional. Para o autor, o uso de filmes na sala de aula como recurso educativo ajuda a cultura cotidiana e elevada, pois trabalha no campo de estética, lazer, ideologia e valores. Nessa ótica, O professor deve adequar o filme a abordagem que ele deseja utilizar conforme faixa etária e fase de desenvolvimento, conteúdo curricular, dentre outros cuidados, além de objetivos pré-definidos.

No caso do filme “Escritores da Liberdade” a professora faz uso de imagens e filmes retratando o holocausto, com a finalidade de motivar os alunos a ler e compreender melhor sobre o assunto, utilizando a imagem e o cinema como recurso no processo educativo. Nós, professores podemos fazer uso dessa mesma estratégia com diversos filmes dependendo do objetivo que queremos atingir, como utilizar o próprio filme “Escritores da Liberdade” com fins educativos em aulas sobre concepções de leitura, de escrita, relação professor/aluno, a importância da afetividade no processo de ensino/aprendizagem, dentre outros, ou seja, mais uma vez: vai depender do objetivo que temos com aquela exibição fílmica, e também de como vamos fazer uso desse recurso.

No que se refere aos objetivos daquela utilização, assim como no próprio filme quando observamos as escolhas dos livros pela professora com a finalidade de motivar



seus alunos, Fischer (2001) avalia a considerável influência da mídia na educação e sua contribuição na formação e construção do indivíduo como ser cultural, através de estratégias de linguagens que alcançam os mais variados grupos de pessoas em seus diferentes meios culturais, o que pode ser observado na prática da professora do filme que estamos discutindo.

Metz (2007) aborda conceitos relacionados ao dizer e o dito no cinema, usando como base a semelhante verdade existente nas seleções dos filmes como forma do dizer, propondo suposições que desafiam o imaginário do leitor, é isso é bastante nítido no filme “Escritores da Liberdade” quando além de desafios o leitor é conduzido a se apropriar cada vez mais daquela prática que até então não era tida como uma atividade prazerosa, mas obrigatória e desconectada com a vida e a experiência dos alunos. Ao mencionar os filmes e livros Metz usa uma linha tênue entre o dito como principal argumento diante do dizer, onde o autor, em suas primeiras abordagens da verossimilhança definiu como: “um conjunto possível aos olhos do senso comum, e se opunha assim ao conjunto do que é possível aos olhos das pessoas que sabem”, nos fazendo perceber que o que a professora Erin fazia com seus alunos tinha uma relação com esses conceitos, bem como nossa utilização deste filme com objetivos pré-definidos também irá garantir essa reflexão.

Considerações Finais

As questões discutidas aqui nos revelam que é preciso abrir espaço para diferentes modalidades de leitura, bem como para os meios de trabalho com o cinema em sala de aula. É preciso um preparo e uma orientação para o professor para trabalhar com essa finalidade, para que este saiba utilizar desse recurso com excelência a fim de alcançar os objetivos traçados anteriormente.

Reitero o pressuposto apontado por Koch (2008, p. 213) de que “o texto é lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos”.

Concluo este artigo utilizando as palavras de Napolitano (2003, p. 11) “Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada (...)” uma vez que o cinema é um rico recurso educacional e eficiente no processo de ensino/aprendizagem, pois enquanto auxílio educativo, ilustra as discussões dos conteúdos a serem trabalhados, facilitando assim a compreensão por parte dos alunos.

Referências

CORACINI, Maria José R. Faria. Concepções de leitura na (pós)-modernidade. In: CARVALHO, Regina Célia de; LIMA, Paschoal (Orgs.). **Leitura: múltiplos olhares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. (p.15-54)

DUARTE, Rosália. Cinema na escola. In: **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, estratégias de linguagem e produção de sujeitos. In: VVAA. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (p. 77-88)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2001.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LODI, Ana. Cláudia. B. **A leitura como espaço discursivo de construção de sentidos: oficinas com surdos**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.



METZ, Christian. O dizer e o dito no cinema: o caso de um verossímil: In: **A significação no cinema**. São Paulo Perspectiva, 2007. (p. 225-243)

NAPOLITANO, Marcos. O cinema e a escola. In: **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003. (p. 11-37)

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

RANCIERE, Jacques. O destino das imagens. IN: **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. (Coleção ArteFíssil) (p. 9-41)

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6a. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes.